



3007 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental

VIVÊNCIAS DAS BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA PELOS PROFESSORES EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

João Luiz da Costa Barros - UFAM - Universidade Federal do Amazonas
Etiane Aline da Silva E Silva - UFAM - Universidade Federal do Amazonas
Isabel Maria Sabino de Farias - UECE - Universidade Estadual do Ceará
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

RESUMO

O presente estudo parte de um aspecto por nós vivenciados nas atividades de pesquisa na graduação, isto é, diminuição gradativa de oportunidade da vivência de jogos e brincadeiras na infância no âmbito escolar. A problematização desta pesquisa está pautada, por um lado, pelas lembranças das brincadeiras de infância dos professores expressando o prazer vivido nestas situações e, por outro, a necessidade de se propiciar maiores oportunidades à vivência da ludicidade na infância no âmbito escolar. Por que a escola é tão fechada se as lembranças das brincadeiras de infância de seus professores são tão alegres? Ainda, trazemos outras indagações: Por que isto se dá se trabalhamos com crianças? Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos um estudo exploratório e uma pesquisa de campo através de entrevistas individuais com quatro professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede de Ensino Municipal de Manaus. Concluímos que, a cultura lúdica da criança deve ser respeitada, e que elas devem ser tratadas de forma que seu desenvolvimento possa acontecer em sua totalidade considerando sua bagagem cultural, pois essas vivências terão consequências significativas em sua vida futura.

Palavras-chave: Infância, memória, professores e o brincar.

VIVÊNCIAS DAS BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA PELOS PROFESSORES EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

RESUMO

O presente estudo parte de um aspecto por nós vivenciados nas atividades de pesquisa na graduação, isto é, diminuição gradativa de oportunidade da vivência de jogos e brincadeiras na infância no âmbito escolar. A problematização desta pesquisa está pautada, por um lado, pelas lembranças das brincadeiras de infância dos professores expressando o prazer vivido nestas situações e, por outro, a necessidade de se propiciar maiores oportunidades à vivência da ludicidade na infância no âmbito escolar. Por que a escola é tão fechada se as lembranças das brincadeiras de infância de seus professores são tão alegres? Ainda, trazemos outras indagações: Por que isto se dá se trabalhamos com crianças? Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos um estudo exploratório e uma pesquisa de campo através de entrevistas individuais com quatro professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede de Ensino Municipal de Manaus. Concluímos que, a cultura lúdica da criança deve ser respeitada, e que elas devem ser tratadas de forma que seu desenvolvimento possa acontecer em sua totalidade considerando sua bagagem cultural, pois essas vivências terão consequências significativas em sua vida futura.

Palavras-chave: Infância, memória, professores e o brincar.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu da preocupação da diminuição gradativa da oportunidade à vivência de jogos e brincadeiras na infância contemporânea, essencialmente, no âmbito escolar. Ao mesmo tempo, acreditamos que os professores que trabalham com crianças possam resgatar o valor do brincar no ato educativo a partir de suas lembranças, os quais no passado foram crianças. Assim, iniciamos a problematização desta pesquisa: por um lado, as lembranças das brincadeiras de infância dos professores são relatadas expressando o prazer vivido nestas situações e, por outro, a necessidade de se propiciar maiores oportunidades à vivência da ludicidade na infância no processo educativo.

Desse modo, indagamos: Se as lembranças das brincadeiras de infância expressam momentos que propiciavam prazer aos seus professores como pode, estes mesmos professores nas sua prática pedagógica cotidiana com crianças não propiciarem a vivência do mesmo gozo? Perguntando de outro modo: Por que a escola é tão fechada se as lembranças das brincadeiras de infância de seus professores são tão alegres? Portanto, considerando as lembranças das brincadeiras de infância como um dos elementos que constituem os professores, investigaremos: Como as lembranças das brincadeiras de infância constituem os professores e qual a relação deste processo na sua prática pedagógica cotidiana?

Assim, qual seria a contribuição que traria a possível resolução do problema apresentado? Talvez, a análise do que nos dizem estes sujeitos, possa trazer novas luzes ao universo da brincadeira e da necessidade desta ser fortemente favorecida na infância, contrapondo-se a uma educação centrada, como toda a sociedade, na perspectiva de produção, como afirma Marcellino (1997, p.47): "A necessidade da recuperação da força do lúdico na educação fica ainda mais patente, se considerarmos que o processo educativo, tal como se manifesta, na sociedade contemporânea, é voltado quase exclusivamente, para a vida produtiva".

O que se pode verificar no meio educacional é que o brincar ganha relevância nos discursos, todavia não se observa a mesma conotação na ação cotidiana dos professores. Tendo como objetivo geral: analisar como é realizada a transição entre a significação da vivência das brincadeiras na infância pelo professor, e como, estas, o constituem atualmente em sua prática pedagógica, resignificando hoje o que se viveu anteriormente. E os objetivos específicos: Identificar o lugar do professor na sua relação com o brincar na ação pedagógica cotidiana; Averiguar os discursos dos professores no processo e na busca de sua compreensão da passagem da infância para a vida adulta; Apontar a presença das brincadeiras de infância vividas pelos professores nas aulas.

O SENTIDO DO BRINCAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE PENSAMOS.

Aqui defendemos que o ato de ensinar no processo de escolarização deve deixar de ser pontual, fragmentado e reducionista para ser crítico, participativo e reflexivo. O que consideramos de suma importância que esse argumento inicial seja considerado no ato de brincar no processo educativo, essencialmente, na formação e desenvolvimento de uma criança. Nas séries iniciais, percebemos que a conduta de muitos professores sobre a compreensão do brincar enquanto forma e conteúdo, ainda é muito insignificante, tornando a situação ainda mais assustadora e distante do que a criança mais gosta de fazer: brincar. E que a escola, sendo o seu primeiro mundo de obrigação, corrobora fortemente para um tratamento secundário sobre suas necessidades lúdicas no processo educativo. Vemos que é neste tempo de formação e desenvolvimento integral da criança que o brincar deve ocorrer a inserção/interação no âmbito escolar, de maneira mais sutil e mais próxima de sua realidade, ou seja, de sua cultura lúdica no processo de escolarização.

Assim, como comenta Marcellino (1990, p.57-58): “de modo geral, o que se observa na nossa sociedade, com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence. Acredito que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é nega a esperança. E ao negar a esperança para a faixa etária infantil, a sociedade nega a si, como um todo, a esperança de um futuro novo.” Partindo deste princípio, torna-se necessário conhecer a realidade de cada criança em suas singularidades, isto é, necessitamos compreendê-las enquanto professores que, de fato, a criança representa o novo a partir das possibilidades do brincar. Acreditamos que o pensar, sentir e agir devem compor a formação da cidadania de uma criança, tendo as relações sociais essenciais para o seu desenvolvimento individual. Neste sentido, o ambiente escolar deve ser propício para novas aprendizagens que considere o brincar e o jogo como metáforas da vida na sua função lúdica e educativa.

KISHIMOTO (2002, p. 95) nos ajuda a refletir dizendo que “O jogo não pode ser visto, apenas, como divertimento ou brincadeira para gastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral”. Ele deve ser bem contextualizado, para que a criança consiga compreender tudo que for vivido e, conseqüentemente, sinta vontade de aprender mais e se doar aos estudos de forma prazerosa e significativa.”

Entretanto, se não houver respeito por parte dos professores e pais às suas características básicas, não haverá um ensino-aprendizagem que promova o ser criança em sua totalidade e complexidade. Como discorre Marcellino (1990, p. 66) sobre o stress infantil estar associado à: “fatores acidentais e outros mais regulares, como o desrespeito às necessidades do estágio de desenvolvimento da criança, pais que exigem demais, e uma escola que visa apenas a parte acadêmica.”.

Portanto, concordamos com o pensamento de VIGOTSKY (1994, p.82-83): “A criança que sempre participou de jogos e brincadeiras grupais saberá trabalhar em grupo; por ter aprendido a aceitar as regras do jogo, saberá também respeitar as normas grupais e sociais. É brincando bastante que a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar e engajar-se na vida de sua comunidade.” É importante estarmos cientes de que crianças devem ser crianças, mesmo quando o professor for utilizar no modelo usual de ensinar, ou seja, transmissão e recepção do conhecimento. Suas características devem ser respeitadas e todo processo de ensino-aprendizagem deve ser muito bem pensado e planejado, para que possamos extrair o melhor que as crianças têm a oferecer.

Conforme Freire (2005, p. 6) “uma criança só pode aprender bem se puder seguir sendo criança durante a aprendizagem” e, completa seu pensamento, com um valioso conselho aos professores “o investigador do jogo deveria deixar-se conduzir pela conduta lúdica para que o seu objeto de estudos não perdesse suas características básicas”, isto é, além de conseguir alcançar a criança de maneira eficiente e prazerosa, estaria respeitando seu estágio de desenvolvimento emocional, afetivo, social e cognitivo.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, a criança sente muita dificuldade em falar sobre si e o que sente, o que o torna somente expectador dentro da sala de aula, deixando em aberto muitas informações que seriam extremamente importantes para seu desenvolvimento. Por esses e, outros motivos a presença da brincadeira na construção do conhecimento é essencial. Para Kashimoto (2007, p.34) a “brincadeira é a ação que a criança desempenha ao realizar as regras do jogo, ao ir fundo, ao se envolver completamente na ação lúdica. Assim, o brinquedo e a brincadeira se relacionam estreitamente com a criança e não se confundem com o jogo”.

O processo da pesquisa

A pesquisa bibliográfica teve como alicerce os estudos já realizados, os quais foram encontrados em livros e artigos científicos. De acordo com Gil (2002, p. 45): “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.”

A pesquisa de campo foi realizada a partir da experiência vivida no processo formativo, o que possibilitou um aprendizado de grande valia para o resultado final do objeto de estudo pesquisado. Assim, como no estudo bibliográfico, segundo Gil (2002, p. 47) nos diz que a pesquisa de campo também têm suas vantagens: “Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.”

Quanto a pesquisa de campo, foi utilizada a metodologia da história oral, proposta por Meihy (1996, p. 26) que consiste em: “Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.”

A coleta de dados foi realizada em dois momentos: um encontro prévio com os professores participantes e um outro momento de entrevistas individuais. As entrevistas foram realizadas com quatro professores da EMEF – Escola Municipal Profª Rubem da Silva Peixoto, da cidade de Manaus, que ministram aula para turmas do Ensino Fundamental I. Foram selecionados quatro professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, os quais corresponderam às exigências quanto aos critérios de inclusão, que eram dois: ser professor de escola pública e ministrar aula para alunos na Educação Básica. Para que as entrevistas pudessem ser realizadas, foi solicitado aos professores a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nas entrevistas individuais, utilizamos para coleta de informações o seguinte roteiro:

1. Como tem sido tratada a brincadeira na escola? Qual o espaço físico que ela se desenvolve?
2. Você considera o brincar importante para a criança?
3. Como foi, para vocês, vivenciarem as brincadeiras junto com as crianças?
4. Quais são as suas lembranças das brincadeiras de infância?
5. Como estas lembranças o (a) constitui enquanto professor (a)?

A pesquisa foi realizada na EMEF Escola Municipal Profª Rubem da Silva Peixoto, situada na Rua Nova Esperança, nº 320, Jorge Teixeira IV etapa. A escola é composta por 10 salas, sendo 9 utilizadas, 21 funcionários, e salas adicionais com sala da diretoria, laboratório de informática, sala de professores, cozinha, biblioteca, banheiro, sala de secretaria, refeitório, almoxarifado e alimentação escolar para alunos. A instituição tem por missão contribuir para o desenvolvimento da educação, respeitando as diferenças individuais, visando bons resultados e garantindo o crescimento global do

educando e sua permanência na escola. Ressaltamos que a pesquisa está cadastrada sobre o CAAE 70099917.0.0000.5020 na Plataforma Brasil com o parecer de aprovação de número 2146439.

Para tanto, foram construídos três eixos de análise que nos permitiram nuclear as falas dos participantes: A brincadeira na escola: o lugar e o seu desenvolvimento, A importância do brincar para as crianças e os professores e as lembranças das brincadeiras de infância.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A BRINCADEIRA NA ESCOLA: O LUGAR E O SEU DESENVOLVIMENTO

Iniciamos a análise deste eixo a partir da seguinte pergunta geradora junto as professoras entrevistadas: Como tem sido tratada a brincadeira na escola? Qual o espaço físico que ela se desenvolve?

Verificamos nas falas das professoras que elas sentem falta de um local adequado para o desenvolvimento das brincadeiras, reclamando sobre o tamanho das salas de aula, por serem pequenas demais. Neste caso, é importante frisar, que as escolas deveriam ter salas ou locais adequados, que possibilitassem a prática das brincadeiras. Visto que a escola tem por público, somente crianças que estão nas séries iniciais, e que necessitam de espaços e tempos para seu desenvolvimento integral.

Por esta dificuldade apresentada pelas professoras, as brincadeiras não são desenvolvidas como deveriam. Tal condição pode ser observada nos depoimentos em sequência:

Natália: *O espaço físico é o grande problema aqui na nossa escola. Você observa o tamanho dessa sala, eu não consigo fazer nem um círculo. [...] A escola tem um espaço, lá no pátio. Mas aí, é um entra e sai de pessoas, porque é no portão de entrada. [...] aí já chega na hora do intervalo, as turmas começam a descer, isso incomoda demais. Dificulta muito nosso trabalho em relação a fazer uma tarefa diversificada, uma brincadeira, uma dinâmica. Por isso, gosto mais da brincadeira didática, que exige eles pensarem, que exigem eles raciocinarem. Tenho caixas e caixas de jogos, quebra cabeça, jogo de inteligência, de percepção, de dinâmicas. Gosto muito de trabalhar assim, porque é brincando que eles aprendem. Eles aprendem muito quando eles estão brincando.*

Reforçando a nossa argumentação a professora nos disse que:

Maria: *Ao perceber a minha sala, vejo que é uma das salas mais amplas que tem na escola. Então, por essa facilitação algumas brincadeiras são realizadas aqui [...] nós temos um espaço físico, muito pequeno, que é o pátio, só que é inconveniente ficar lá. Porque no momento em que nós estamos apresentando uma atividade, mostrando como faz, levando todo material necessário para que essa atividade seja desenvolvida. Alguém bate palma, alguém quer saber uma informação, alguém que subir na secretária, e isso atrapalha. Incomoda muito. [...] numa dessas brincadeiras, eu precisava enviar pra assessora a atividade que eu estava realizando e eu estava filmando. Um pai chegou até a porta e queria atenção. E eu queria filmar, porque eu queria logo sair dali. Ele não gostou da minha falta de atenção para com ele, e me ofendeu muito. Aquilo foi muito traumático, eu não gostei da atitude dele. [...] Então, eu vejo que a sala, é muito restrita, é pouco espaço.*

Através dos relatos pudemos notar, a insatisfação e constrangimento das professoras, pelo fato de o único espaço disponível na escola, que é o pátio, não ser apropriado, devido a frequência constante de pessoas transitando durante a aula.

No que se refere a pergunta, como tem sido tratada a brincadeira na escola? Pudemos observar no depoimento da professora Gisela que o brincar tem uma relação direta com a criança. Portanto, ela associa as brincadeiras com o ato educativo que desenvolve em suas aulas.

Gisela: *Geralmente a gente costuma tratar a brincadeira, levando em consideração a questão que são crianças. [...] Busco brincadeiras que possam beneficiá-los, como cantigas de roda, queimadas, futebol. Geralmente elas acontecem aqui no rol da escola, no pátio.*

Neste sentido, concordamos com o autor Oliveira (2000) afirmando que o brincar não significa apenas recrear, mas sim desenvolver-se integralmente. Pois, é no momento da brincadeira que a criança tem um maior contato com o outro. Através da comunicação, da interação, da troca de experiências e pensamentos.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA AS CRIANÇAS E OS PROFESSORES

A partir dos depoimentos foi observado que mesmo com a falta de espaço e a superlotação na sala de aula, as professoras prezam pela educação lúdica, mostrando terem consciência sobre importância do brincar como ferramenta para o desenvolvimento das crianças, como afirma MALUF (2003, p.19): "A educação infantil e o lúdico se completam, pois o brincar está diretamente ligado à criança, a recreação é parte integrante da rotina diária e ficar fora deste momento é impossível para os pequenos, porque "além de muitas importâncias o brincar desenvolve os músculos, a mente, a sociabilidade, a coordenação motora e além de tudo deixa qualquer criança feliz".

Acreditamos por esta razão, que há um esforço por parte das professoras para que continue a tentativa de fazer presente nas aulas o brincar enquanto elemento lúdico, apesar de todas as adversidades. É importante frisar que o professor deve contemplar jogos, brinquedos e brincadeiras, como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando à criança uma aprendizagem mais significativa.

Visto assim, debruçamos sobre as seguintes questões junto a professora: Você considera o brincar importante para a criança? No depoimento, assim como em outros momentos de conversas, ela comentou que:

Natália: *É bem importante. Apesar de achar que eles já fazem isso além da conta. As crianças trazem o brinquedo pra escola, um carrinho, uma boneca. Se você deixa, elas ficam a manhã inteira com esse brinquedo na mão. O brinquedo deles, o brincar deles é o carrinho, a boneca, é correr, é pular, isso eles ficam realizados. Mas isso, eles já fazem em casa, a tarde inteira, ou a manhã inteira, se eles estudam a tarde ou de manhã, e vice-versa.*

Quanto ao depoimento acima, podemos citar o pensamento de Freire (2005, p. 6) que nos refletir com uma metáfora da vida "A procura pelo jogo não é menor que a procura pela comida, portanto, ele deve constituir como esta uma necessidade básica."

Seguindo com a análise dos dados, no depoimento a seguir, pudemos observar que ao utilizar a brincadeira como ferramenta de ensino, interligando a brincadeira aos conteúdos escolares, as crianças aprendem com maior facilidade.

Maria: *Muito importante! Porque além de ser divertido é um aprendizado. Você pode adaptar nas tuas brincadeiras, um assunto. E isso é muito interessante, pois eles conseguem aprender com facilidade. E não é nada imposto, é algo tranquilo. É satisfatório pra eles aprenderem através das brincadeiras.*

Sobre o próximo depoimento da professora Estela, utilizamos para reflexão Vygotsky (1998) que relaciona o ato de brincar com a constituição do pensamento infantil. Pois segundo o autor, é brincando e jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, como ocorre sua forma de aprendizado e sua relação com o mundo.

Estela: *Sim, é de extrema importância. A criança, é um ser lúdico. A criança sente a necessidade intrínseca de brincar. Porque a vida da criança é um brincar. Ela aprende através de brincadeiras e ela precisa dessa brincadeira para se desenvolver, tanto física, quanto emocional, social e cognitivamente.*

LEMBRANÇAS DAS BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA

Neste eixo de análise, temos por objetivo apontar se as brincadeiras de infância vividas pelas professoras se fazem presentes durante suas aulas e de que forma essas brincadeiras podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Foram feitos dois questionamentos, o primeiro, se deu por meio da seguinte pergunta: Quais são as suas lembranças das brincadeiras de infância?

No primeiro depoimento, podemos observar que a professora teve dificuldade ao relembrar de momentos vividos durante sua infância:

Natália: *Ah, eu tenho algumas! Apesar de eu não lembrar muito do meu tempo, algumas eu me lembro. Mas, eu não lembro a época que eu tinha 10, 8 anos...*

Relembrar tempos vividos bem distantes historicamente, exige uma percepção ampliada de significados com as pessoas que participaram junto com você desse tempo da infância. E, isso, é compreensível quando percebemos a grande dificuldade de externar seus pensamentos e sentimentos com detalhes de suas lembranças vividas na infância, pois BOSI (1994) nos ajuda a pensar que nossas ideias, assim como nossas lembranças não são originais e individuais. Elas são constituídas a partir da troca de informações e experiências de momentos que foram vividos junto à outras pessoas.

HALBWACHS (2006, p.29-30) nos permite refletir que:

"Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmo eventos), conseguimos pensar, nos recordar os em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com a maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com nossos olhos e com os olhos de um outro. Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós."

Após fazer um esforço para conseguir lembrar detalhes de sua infância, ela relatou quais eram as brincadeiras e os momentos em família, que para ela não deixava de ser um momento de prazer e diversão, expressando muita emoção e nostalgia:

Natália: *O que me vem na minha memória são as brincadeiras com bonecas e casinha. A noite, a gente brincava na rua, brincava de "cadê o anel?", cobra cega, eu lembro também de São João. São João era a melhor época pra gente. Meu pai fazia uma fogueira grande e a gente brincava. Tarde da noite e a gente brincando... De vez enquanto me vem essas lembranças. É uma coisa que você sente muita saudade. Histórias... Eu lembro que dentro de casa, o meu pai lia as histórias, contava histórias lá do interior, de quando ele era menino e vivia no sertão, muito interessante, muito bom!*

Percebemos que para a professora Natália, a presença de seus pais e a maneira a que eles coordenavam os momentos de brincadeira e até os momentos educativos por meio da leitura e ensinamentos sobre as histórias já vividas por eles, tiveram um impacto indelével em sua memória.

Nos demais depoimentos podemos observar que as professoras vivenciaram durante sua infância, praticamente as mesmas brincadeiras. Todas trazem essas memórias à tona com sentimento de saudade, realização e privilégio:

Maria: *Eu brincava muito! Brincava de perna de pau, pé de lata, brincava com elástico, barra bandeira, cemitério... Ôh coisa boa relembrar isso, a gente se transporta... Nós ficávamos até altas horas da noite brincando, correndo... Cemitério e barra bandeira, são os que mais eu me recordo e era muito bom brincar. Na escola que eu estudava, tinha um quintal imenso com árvores e muito espaço. Nós brincávamos de pular corda, amarelinha. Eu costumo dizer que tive o privilégio de viver a minha infância em casa de vó que tinha um quintal grande, assim como na escola.*

Ao ouvirmos o relato da professora Maria, por um momento, contrastamos a infância vivida por ela e a infância oferecida às crianças de hoje. Lamentavelmente, na atualidade, diversos fatores que retratam a ausência do lúdico enquanto componente da cultura estão interferindo no processo de aprendizagem e desenvolvimento das pessoas, tais como: diminuição do tempo e espaço de lazer, aumento da criminalidade nos meios urbanos e rurais, a busca desenfreada pelo consumo de bens materiais, desestrutura familiar, entre outros, interferem na oferta de brincadeiras, como as citadas acima pela professora. Sendo um entrave para as crianças usufruírem de momentos como estes.

A seguir, no depoimento da professora Gisela, observamos outro ponto bastante interessante, em relação às brincadeiras coletivas:

Gisela: *Eu brincava muito de cerêcê manja pega, no próprio rol da escola, durante o intervalo. Brincava de telefone sem fio, petecas... Naquele tempo não se separava menina de menino né?! Brincava todo mundo junto. Brincava muito de barra bandeira, de manja esconde, de roda. São várias lembranças, gosta de todas as brincadeiras.*

Ela ressalta a questão de que em sua época de infância, não havia distinção entre meninos e meninas. Nos reportando aos estudos de Finco (2003, p.96) que reafirma o relato feito pela professora: "(...) as fronteiras da divisão dos gêneros são frequentemente ultrapassadas ou recusadas. As fronteiras entre os gêneros se dissolvem e meninos e meninas interagem descontraidamente, não mantendo nítidas as divisões de gênero". Ou seja, naquela época, todos brincavam as mesmas brincadeiras, sem imposições de brincadeiras "certas" ou "erradas" para ambos os gêneros. O que tinham como objetivo tão somente o divertimento.

No relato a seguir, a professora enfatiza a necessidade da criação de objetos e espaços, para que a brincadeira acontecesse, nos dando uma informação valiosa:

Estela: *qualquer espaço que a gente tinha, era espaço de diversão. Por falta de recursos, até criávamos nossos próprios brinquedos e nossas próprias brincadeiras, quando era necessário.*

Essa informação, corrobora fortemente com a defesa que o brincar faz parte da criança. Por isso, acontece de forma cultural a partir das relações interpessoais que vão acontecer no processo de seu desenvolvimento. Se não existem recursos para o brinquedo ou para o brincar, a criança cria sua própria brincadeira com o que lhe é oferecido no meio em que vive. E essa liberdade para criar, aguça vários outros sentidos, que algumas brincadeiras e brinquedos, já preparados para a criança, não oferecem. Como afirma MACHADO (1995, p. 45): "O brinquedo-sucata permite a quem brinca com ele, desvendá-lo, ressignificá-lo, pois é um objeto que possui inúmeros significados que não são óbvios, nem estão evidentes. Surgem assim, novas e inusitadas relações que podem ser absurdas, incongruentes, desagradadas."

Por meio das repostas sobre a indagação feita, foi possível observar um fator interessante: a diferença cultural entre as professoras, relacionada aos tipos de brincadeiras citadas pelas mesmas. Conforme consta no quadro 1 referente ao perfil dos participantes da pesquisa, pudemos dizer que o brincar se difere em vários lugares, em que a cultura lúdica está profundamente ligada a cultura local de cada povo. Um exemplo que podemos citar está relacionado a professora Natália, que é a única participante da região nordeste do Brasil. As brincadeiras relatadas por ela, são pouco diferentes das brincadeiras que foram relatadas por suas colegas que são da região norte. Essa informação nos remete ao pensamento de Brougere (1997, p.27), que afirma que o meio em que a criança está inserida, influência de forma direta em seu desenvolvimento pessoal, suas vivências práticas e experiências de vida: "A cultura lúdica não está isolada da cultura geral. Essa influência é multiforme e começa com o ambiente, as condições materiais. As proibições dos pais, dos mestres o espaço colocado à disposição da escola, na cidade, em casa, vão pesar sobre a experiência lúdica".

Para finalizar o presente eixo, podemos dizer que nossas lembranças do passado, podem nos constituir como pessoas no presente. Partindo deste

pressuposto, nosso segundo questionamento feito às professoras foi: Como essas lembranças lhe constituem enquanto professora?.

No primeiro relato, podemos observar a ênfase da função social dos mais velhos, como relata BOSI (1994, p.18) "A função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir".

Natália: *Bom, eu tento passar o máximo que eu posso de tudo que aprendi de bom até hoje e os conhecimentos que tenho. Por exemplo, conto histórias de vida, para que eles entendam o certo e o errado. Eu tenho essa preocupação de contar as histórias, assim como o meus pais me contavam. Dou conselhos para que eles errem menos, porque errar é humano, mas que errem pouco. Eles ouvem e muitos acham interessante. Nas minhas reuniões dos pais, eu falo muito "conversem com seus filhos, tirem um tempinho! Eles precisam dessa atenção". Eu espero que fique alguma coisa na cabecinha deles e que eles tirem proveito.*

Na primeira pergunta feita à professora sobre suas lembranças de infância, ela disse que os pais conversavam bastante com ela, isto é, havia em sua infância uma dose diária de ensinamento por parte de seus pais, através de histórias. Portanto, podemos observar que ela traz essa bagagem de conhecimentos e saberes da experiência para seus alunos em sala de aula. Deste modo, acreditamos que, para ela enquanto educadora, é importante transmitir o conhecimento através de um diálogo mais integrado e próximos aos alunos. Conhecimentos estes, que fogem do conteúdo escolar, propriamente dito. Mas, que tem por objetivo, alertar as crianças e torná-las mais críticas e capazes de discernir o "certo" do "errado".

No segundo relato, a professora diz que o brincar teve grande importância em sua infância. Por isso, acredita que a brincadeira não é apenas uma ferramenta de ensino. E sim, a vivência de bons momentos que propiciam a constituição de boas lembranças, formando e tornando pessoas melhores:

Maria: *a necessidade de brincar que eu tive há algum tempo, hoje em dia eu posso proporcionar a brincadeira ao meu aluno. Ensinando novas brincadeiras e até revendo as brincadeiras antigas. Sem dúvidas, esses momentos se tornarão para eles boas lembranças futuras. Assim como são para mim. O que a gente faz enquanto criança, nada mais é do que constituir nas nossas vidas, boas lembranças. Então se você tem uma infância boa, você vai crescer um adulto feliz, bem desenvolvido, além de ter boas lembranças. E através dessas boas lembranças, você pode passar para o outro boas vivências, boas atividades, boas brincadeiras, pra que eles futuramente também recordem "ah! a minha professora me mostrou que num espaço mínimo eu posso me divertir, eu posso brincar, eu posso me realizar".*

Através desse relato, foi possível observar, que a professora entende o quão importante foi o brincar para sua vida e como a oportunidade de vivenciar essas práticas, foram bem aproveitadas por ela, pois, enfatizou que esses momentos lhe trouxeram profunda alegria e lembranças inesquecíveis.

Dessa forma, com lembranças tão fortes e impregnadas em sua mente, ela compreende que o brincar constitui a criança como pessoa e que essas vivências são fundamentais para sua vida futura. Como afirma MARCELINO, (1990, p. 70):

"O primeiro e fundamental aspecto sobre a sua importância é que o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de "produtividade social". (...) a vivência do lúdico é imprescindível em termos de participação cultural crítica e, principalmente, criativa. Por tudo isso, é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver."

No terceiro relato, observamos que a professora não enxerga a brincadeira como subsídio do aprendizado, dissociando o brincar para aprender, e utiliza o momento de brincadeira com os alunos, como uma moeda de troca:

Gisela: *Elas (as lembranças) servem na verdade, pra que eu possa ter uma certa flexibilidade com meus alunos. Entender que a fase que eles estão não necessariamente eles tem que só estudar. Mas, que tenham esse momento de lazer, porque são crianças. Então eles precisam disso. Até os 12 anos eu acredito que a brincadeira é bem fundamental na vida deles. Até para que a gente possa cobrar deles: "olha, se você não fizer isso, você não vai brincar!" então é uma parte que é satisfatória e ao mesmo tempo serve pra que você possa cobrar os deveres deles.*

Neste depoimento, MARCELLINO (1990, p. 99) nos ajuda a refletir sobre a necessidade imperiosa de considerar o elemento lúdico no processo educativo.

"É necessário que esse desmascaramento não ocorra apenas no nível dos conteúdos formais de ensino/aprendizagem; é necessária a revisão desses conteúdos. (...) pelo menos no início do processo de escolarização, trabalhar a partir dos conteúdos da cultura da criança, respeitando esses conteúdos e caminhando no sentido de sua promoção; mas também é necessário ir além – que a própria relação educando/educador contribua para a desmascaramento, tendo como recurso o caráter lúdico que possa impregná-la."

Ao nosso ver, a forma de ensino deve considerar o caráter lúdico no ato educativo, pois acreditamos firmemente que atitudes como as relatadas anteriormente pela professora Gisela, podem prejudicar a aprendizagem das crianças. MARCELLINO (1990, p.110) nos ajuda a refletir que:

"(...) os educadores de hoje são formados por uma escola que não valorizou a sua experiência da cultura infantil (teria um dia a escola valorizado essa experiência?), e continuam a ser educados por uma sociedade, cujos valores de produtividade e consumo não são nada estimulantes e motivadores para um processo de ensino/aprendizagem, de características lúdicas, marcado pela opção da "não-seriedade", pelo prazer e alegria, e desligado de interesses imediatistas. Isso significa exigir do educador um comportamento contrário ao que lhe é cobrado e no qual foi e está sendo formado."

Portanto, a partir dos depoimentos relatados, podemos perceber que nossas lembranças, tanto adquiridas na trajetória de vida, quanto na escola, de maneira indireta ou informal estão impregnadas em nossas atitudes e ações cotidianas.

Considerações Finais

Neste estudo, três eixos foram analisados e, cada um deles nos forneceu importantes informações para chegarmos à uma possível resposta, à respeito de nossa problemática inicial: Como as lembranças das brincadeiras de infância constituem os professores e qual a relação deste processo na prática pedagógica cotidiana?

No primeiro eixo de análise, discorremos sobre "a brincadeira na escola: o lugar e o seu desenvolvimento", os quais chegamos à conclusão que, a escola em que a pesquisa foi realizada, não oferece um ambiente adequado para que as práticas das brincadeiras possam acontecer. Desta forma, por consequência da falta de espaço, podemos afirmar que houve um comprometimento no desenvolvimento dos alunos, sobretudo prejudicando e limitando o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Principalmente, pelo fato, do local oferecido, não ser favorável para que as atividades lúdicas aconteçam, interferindo no modo de planejar e de ensinar das professoras, dificultando, em grande parte, a realização de brincadeiras em suas aulas.

O segundo eixo, teve por questão "a importância do brincar para as crianças e os professores". Aqui, pôde-se observar que as professoras têm conhecimento sobre a importância do brincar para as crianças. Por isso, mesmo com todas as dificuldades vividas e relatadas por elas, elas fazem um esforço para que essas brincadeiras possam ocorrer, nem que seja, por uma pequena quantidade de vezes.

Finalmente, no último eixo de análise, discorremos sobre as "lembranças das brincadeiras de infância". Nele conseguimos obter a resposta sobre o

questionamento inicial da pesquisa. Neste momento da entrevista, ao fazermos os questionamentos que seriam analisados, foi notório perceber o quanto elas ficaram emocionadas ao relembrar os momentos vividos durante a infância. Evocaram lembranças que trouxeram à tona emoção e sentimentos de nostalgia. Portanto, chegamos à conclusão, que as vivências práticas regadas por brincadeiras, durante a infância, das quatro professoras entrevistadas, influenciaram diretamente nas suas práticas pedagógicas.

Portanto, devemos enfatizar que, a cultura lúdica da criança deve ser respeitada, e que nossos alunos devem ser tratados de forma em que seu desenvolvimento possa acontecer em sua totalidade considerando sua bagagem cultural. Pois, essas vivências terão consequências significativas em sua vida futura. E, para que isso ocorra, temos que ser defensores e exponenciais de uma prática docente que promova as brincadeiras enquanto forma e conteúdo no âmbito escolar, e na própria relação família e escola, buscando utilizar da forma significativa essa possibilidade fantástica que nos é disponibilizada: o brincar. Por sinal, é o que a criança mais gosta de fazer. E este constitui seu maior campo de aprendizagem e desenvolvimento cultural.

Referências

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. Ed. Da Universidade de São Paulo, 2004.

BROUGERE, G. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. V. 14, n.3 (42) – set./dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863/11340>> Acesso em: Abril de 2018.

FREIRE, J.B. *O jogo: entre o riso e o choro*. Campinas: Autores Associados, 2002.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

KISHIMOTO, T.M. *O jogo e a Educação Infantil*. São Paulo: Pioneira, 1989.

MALUF, Â. C. M. *Brincar prazer e aprendizado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARCELLINO, N.C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papyrus, 1997.

MIZUKAMI, M. G. N. (1986) *Ensino: abordagens do processo*. São Paulo: EPU.

MACHADO, M. M. *O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar - Atividades e materiais*. 2 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

MEIHY, J.C.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, J. C. B.; HOLANDA, F. *História Oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2017

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2000.

SERODIO, S.C.F. A importância da organização do espaço para atender o aluno do 1º ano do ensino fundamental de nove anos <www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO.pdf> Acesso em: 29 de janeiro de 2018

SILVA, SUELI. Infraestrutura escolar e a relação com o processo de aprendizagem <<https://www.webartigos.com/artigos/infra-estrutura-escolar-e-a-relacao-com-o-processo-de-aprendizagem/42042/#ixzz55iCvcIRs>> Acesso em: 39 de janeiro de 2018.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.